



Na “corda bamba”: a contribuição do funk para o empoderamento feminino

“Tightrope”: funk's contribution to women's empowerment

*Pedro Favarini Aires de Lima*¹

*Caissa Veloso e Sousa*²

*Fernanda Versiani*³

RESUMO

Esta pesquisa analisa a contribuição do funk para o empoderamento feminino, a partir da percepção das “funkeiras”. Com base na discussão sobre gênero - dominação masculina e empoderamento feminino - nota-se que o funk é marcado pela relação de poder, causando dúvidas sobre sua contribuição para o empoderamento feminino.

PALAVRAS-CHAVES: Funk. Empoderamento Feminino. Dominação Masculina.

ABSTRACT

This research analyzes funk contributes to female empowerment from the perception of “funkeiras”. Based on the discussion about gender - male domination and female empowerment - it is noted that funk is marked by the power relationship, causing doubts about the contribution to female empowerment.

KEYWORDS: Funk. Women Empowerment. Male Domination

* * *

Introdução

Na literatura nacional o funk é estudado por diferentes perspectivas, sendo possível encontrar pesquisas sobre descriminalização de pobreza (FACINA, 2015); questões culturais, políticas e sociais (COUTINHO, 2015); trabalho e gênero (RÊGO, 2018); questões ideológicas, gênero e relações de poder (SANTOS;

¹ Professor Assistente do Centro Universitário Unihorizontes. E-mail: Pedro.lima@unihorizontes.br.

² Pró-reitora de pós-graduação e pesquisa e coordenadora do mestrado em Administração do Centro Universitário Unihorizontes. E-mail: caissa.sousa@unihorizontes.br.

³ Professora da Administração da PUC Minas. E-mail: nandaversiani@gmail.com.

RAMIRES, 2017) e empoderamento feminino (RANGEL, 2013; RANGEL; COELHO; TEIXEIRA, 2017). A partir dessas pesquisas foi possível perceber a predominância das discussões sobre gênero, uma vez que o funk é historicamente constituído por protagonistas homens, em que as letras das músicas são conhecidas por composições machistas, reforçando o sistema patriarcal e a objetificação da mulher (BERNARDES; CARLOS; ACCORSSI, 2015; BRILHANTE; GIAXA; BRANCO; VIEIRA, 2019).

A mulher que compõe o ambiente social e cultural do funk pode ser vista como aquela que busca romper os paradigmas negativos, que denigrem sua imagem, em busca de maior liberdade de expressão e do empoderamento feminino (PEREIRA, 2016). Entende-se que o empoderamento feminino pode ser um enfrentamento às relações patriarcais da dominação masculina (MELO; LOPES, 2012; MARINHO, GONÇALVES, 2016). Enquanto alguns grupos sociais percebem o funk como a oportunidade à liberdade de expressão, rumo ao empoderamento feminino, Viana (2013) chama a atenção para a percepção de outros grupos sociais que acreditam que a mulher “funkeira” assume uma postura considerada promíscua, principalmente entre os grupos religiosos e conservadores, dificultando o processo do empoderamento feminino.

A dicotomia entre o preconceito e o empoderamento feminino acompanha a história da participação da mulher no funk, que pode ser vista entre dois limiares: a luta pela conquista do seu espaço e os olhares de repulsa da sociedade. O primeiro se refere à conquista das mulheres pelo papel de protagonista, fazendo das suas letras musicais respostas para o machismo e incentivo ao empoderamento feminino. Para as “funkeiras”, aquelas que frequentam baile funk, o ambiente do funk é onde elas encontram o sentimento de liberdade (RANGEL; COELHO; TEIXEIRA, 2017). E o segundo, é a visão da sociedade sobre as protagonistas e as “funkeiras”, inclusive das próprias mulheres, que o funk é “coisa de pirigüete”, como diz Trotta (2016) o funk é “uma música que incomoda”.

Dessa forma, o ponto questionado nesta pesquisa foi: o funk contribui ou não para o processo de empoderamento feminino?

Diante dos aspectos apresentados, este artigo propõe analisar a contribuição do funk para o empoderamento feminino em Belo Horizonte, a partir da percepção

das “funkeiras”. Vale ressaltar que grande parte das pesquisas encontradas na literatura são realizadas no estado do Rio de Janeiro, porém, cada vez mais, este estilo musical atravessa fronteiras geográficas, sendo necessário uma análise para além do funk carioca.

Ressalta-se que este artigo está estruturado em seis seções: introdução; revisão teórica, que aborda sobre o movimento do funk no Brasil e a participação das mulheres no funk; gênero: dominação masculina e empoderamento feminino; aspectos metodológicos; análise dos dados; considerações finais; e referências bibliográficas.

1. O funk no Brasil e a participação das mulheres

O funk no Brasil teve influência dos cantores americanos que fundaram este estilo musical no final do século XIX, onde os homens negros nas plantações de algodão, iniciaram suas canções, popularizando-se nos anos de 1930 e 1940. O termo funk, proveniente de *funky smelly*⁴ era uma forma de protesto dos músicos negros aos brancos por “comercializarem” e “elitizarem” o estilo popular do blues (VIANNA, 1988; VINCENTI, 2019).

Especialmente no Brasil, o funk teve início no final da década de 1960 de forma diferenciada da qual se vê atualmente. No início, o funk era encontrado nas periferias do estado do Rio de Janeiro, se espalhando rapidamente pelas periferias de todo país (AMORIM, 2009; BONFIM, 2013; MOREIRA, 2017). Devido à sua origem, o movimento do funk é conhecido como “proeminente por criar um sentimento de pertencimento a população marginalizada” (MOREIRA, 2017, p.1)

Na década de 1990 surge a figura dos Mestres de Cerimônias – MC’s, que ficaram famosos pelo estilo despojado e pelos *hits* de sucesso como: “Ah, eu tô maluco”. As letras das músicas eram percebidas como criativas e alegres, o que propagou o estilo musical para as classes sociais mais altas, surgindo os primeiros bailes funks na Zona Sul do Rio de Janeiro (AMORIM, 2009). Para Trotta (2016), essa propagação causou incomodo para uma parte da população que frequentava os bairros da Zona Sul, devido aos estereótipos negativos do movimento do funk

⁴ Tradução: “mal cheiroso” característico dos bailes funks.

com a ideia que os “funkeiros” eram “pivetes”, participantes dos “rolezinhos” e “arrastões”, isto é, sempre remetendo a indivíduos negros, pobres e criminosos (HERSCHMANN, 2005). Até este período, a participação das mulheres no funk era como dançarinas, exercendo um papel coadjuvante e submisso frente ao comportamento masculino dos MC’s, ou seja, representavam as letras das músicas que enfatizavam a dominação do masculino sobre o feminino, principalmente, quanto a apropriação do corpo feminino (RÊGO, 2018).

O funk também era marcado pela exposição da sexualidade feminina com termos considerados pejorativos, como o funk “Proibidão”. Este funk foi conhecido como a “forma de expressão oriunda de um lugar de fala problemático diante de uma sociedade que segrega e criminaliza determinados grupos sociais” (VIANA, 2017, p. 121). No contexto atual, o funk assumiu característica ainda mais polêmica, que traz a mulher como objeto sexual, de uma forma mais explícita e vulgar. O funk causa um choque de valores em relação a outros grupos sociais, uma vez que é considerado uma prática social que transmite a imagem feminina de uma forma desrespeitosa, promíscua e estereotipada (PEREIRA, 2016).

Com o crescimento dos adeptos do movimento, nos anos 2000, as músicas ganharam destaques com mensagens de apologias ao crime e de ódio contra o sistema de segurança nacional (AMORIM, 2009). As letras passaram a tratar das questões sociais vivenciadas pelos menos abastados da sociedade brasileira, trazendo questionamentos às forças policiais; às questões raciais, ao tratamento abusivo aos moradores das periferias e ao cotidiano das favelas (BONFIM, 2013).

Foi nos anos 2000 que o funk passou a ser reconhecido nacionalmente com os eventos “Evolução da Mente” e “Furacão 2000”, impulsionando discussões no âmbito governamental, que decorreu a Lei do Funk aprovada na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, uma conquista pelo espaço do funk enquanto movimento cultural (COUTINHO, 2015; TROTTA, 2016).

Ainda neste período foi que surgiu as primeiras mulheres protagonistas no movimento funk, as MC’s Tati Quebra-Barraco e Valesca Popozuda. Assim, desde este período, o cenário dos homens enquanto protagonistas do funk começou a se transformar dando maior visibilidade, autonomia e participação das mulheres à frente do movimento funk (BONFIM, 2013; SILVA; PUHL, 2017).

Atualmente, encontra-se um número significativo de mulheres como protagonistas, por exemplo, as cantoras: Anitta, Ludmilla e Lexa. As MC's mulheres são vistas como a resistência a estruturas opressivas, ecoando as histórias de outras mulheres (MOREIRA, 2017).

Apesar das transformações no movimento do funk, a “funkeira” sempre foi vista como aquela mulher que assume uma postura “promíscua”, principalmente por diversos grupos religiosos e conservadores, no qual a representação feminina nos bailes funk passa a ideia de mulheres que se expõe por meio da sexualidade de forma vulgar, dificultando o processo do empoderamento feminino (AMORIM, 2009; BONFIM, 2013; VIANA, 2013).

Atualmente as letras das músicas cantadas por grande parte dos MC's continuam sustentando o “erotismo exacerbado”, devido às ações e coreografias de caráter erótico/sexual que, com um tom subversivo é visto como obsceno e esdrúxulo. As formas com que as mulheres são tratadas nas músicas e como elas se expõem por meio do funk, abriram brechas para conceitos preconceituosos e agressivos como: vadia, potranca, cachorra, entre vários outros adjetivos pejorativos (AMORIM, 2009).

Dessa forma, as “funkeiras” tentam enfrentar as constantes situações de preconceito, por meio das novas protagonistas do funk que trazem em suas letras mensagens sobre a liberdade feminina, que se associa ao empoderamento feminino.

2. Gênero: dominação masculina e empoderamento feminino

A palavra “gênero”, até o início dos questionamentos dos movimentos feministas, era definida apenas como sendo a diferença física e biológica entre homens e mulheres, não considerando os fatores de desigualdades e preconceitos sofridos pelas mulheres ao longo dos séculos nas sociedades (SCOTT, 1991).

As discussões sobre gênero passa por dois marcos denominados como “primeira onda” e “segunda onda”. A luta das mulheres por direitos igualitários acarretou a “primeira onda” do feminismo, em que os objetivos iniciais remetiam às questões ligadas à família, à oportunidade de estudo e ao acesso ao mercado de trabalho. A “segunda onda” caracteriza-se pelas lutas sociais, acesso ao meio

político e principalmente contra as construções ideológicas machistas presentes nas sociedades, que tinham sempre o homem como dominante perante as mulheres (LOURO, 2014).

A partir dos movimentos feministas, surgidos em meados da década de 1970, começou-se as discussões sobre dominações simbólicas masculinas, onde as mulheres buscavam maior autonomia e liberdade nos afazeres públicos, por exemplo o direito ao voto, a escolha profissional, a liberdade sexual e ideológica (BOURDIEU, 1998).

As representações de gênero são caracterizadas pela construção social e cultural, na qual sua concepção permite avançar a compreensão da relação binária homem-mulher para explicar as diferenças entre masculino e feminino (CASTRO, 1992). A sociedade constrói significados e símbolos para representar e interpretar o comportamento do masculino e do feminino na sociedade, denominado como relações de gênero. Scott (1999) vai além dessa conceituação afirmando que gênero deve ser observado como uma categoria de análise das relações de poder.

Considerando a ideia da relação de poder, vê-se alguns conceitos sobre a dominação masculina como parte de uma complexa relação fundamentada por séculos na organização das classes sociais e de poder nas sociedades. Três argumentos podem ser descritos como forma de fundamentar a dominação masculina. O primeiro é apresentado por Goldberg (1973), que diz que a fisiologia masculina reforça a superioridade biológica dos homens sobre as mulheres, fortalecendo o nível hierárquico dominante nos relacionamentos entre homens e mulheres. O segundo, defendido por Lee e Daly (1987), são as argumentações baseadas em questões históricas e não biológicas, alegando que os homens desempenham a dominação sobre as mulheres pela construção histórica do que é ser masculino e ser feminino. O terceiro, é a visão de Bourdieu (1988) que a dominação masculina vai para além da relação de poder, discutindo o conjunto de simbolização que é atribuído ao corpo masculino e feminino como definição de papéis e representações sociais de gênero. Sendo este último um dos argumentos mais referenciados na literatura.

Diante da percepção de Bourdieu (1988), a dominação masculina se faz presente de forma simbólica e sutil, no qual a posição normal logicamente é aquela

em que o homem “fica por cima”, representando a dominação de poder e dominação do corpo e das vontades das mulheres.

Portanto, se a relação sexual possui relação com os atos e desejos de dominação, isso se deve ao fato da construção fundamental da divisão entre o sujeito masculino (ativo) e o feminino (passivo). Dessa forma, cria-se, organiza-se e expressam-se as formas subjetivas de desejo. No caso masculino, há o desejo de dominação erotizada e, do feminino, o desejo de dominação masculina, ou seja, a subordinação erotizada (BOURDIEU, 1998). Neste contexto, discute-se sobre o empoderamento feminino.

O conceito de empoderamento feminino tem uma longa história nas transformações sociais, devido às lutas do movimento feminista que marcaram o cenário internacional em 1970.

A partir de 1980, por meio de uma abordagem radical, o empoderamento feminino foi ganhando força, tendo como preocupação a transformação das relações de poder em favor dos direitos das mulheres e de igualdade entre mulheres e homens (CORNWALL, 2016).

Batliwala (1994, p. 130) conceitua o empoderamento feminino como “o processo de desafiar as relações de poder existentes e de ganhar maior controle sobre as fontes de poder”. Rowlands (1997), complementa dizendo que o empoderamento passa por um processo interativo que se desenrola sobre as mudanças eminentes das relações de poder. Segundo Melo (2011), a noção de empoderamento está diretamente ligada à busca de bem-estar social, da força interior e da autoestima. Melo e Lopes (2012) complementam alegando que nas relações entre gênero, o empoderamento feminino pode ser entendido como um enfrentamento as relações patriarcais da dominação do homem sobre o sujeito feminino nas questões de privilégios no âmbito social e na autoridade incontestável e dominante no ambiente familiar.

Numa concepção feminista, o empoderamento está atrelado à dinâmica da opressão internalizada, bem como os processos que levam as pessoas a se sentirem pertencentes de espaços contruídos socialmente “para homens”, e a perceberem capacidade e direito de agir e influenciar (CORNWALL, 2016).

Assim, o empoderamento feminino pode ser entendido com uma forma de fortalecimento dos direitos das mulheres no ambiente social, tornando-as livres para traçarem suas escolhas na vida, possibilitando-lhes maior autonomia, independência financeira e ideológica, superando os preconceitos culturais e dominantes machistas presentes na sociedade (LISBOA, 2008; LEAL, 2013; MARINHO, GONÇALVES, 2016).

3 Metodologia

A fim de atingir o objetivo proposto em analisar a contribuição do funk para o empoderamento feminino, a partir da percepção das “funkeiras”, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva e de abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2001) esta abordagem ajuda na compreensão de atitudes, significados, motivos, crenças e valores dos indivíduos.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 8 (oito) mulheres “funkeiras”, residentes na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, Brasil. A maior proeminência do ritmo, no Brasil, pode ser encontrada no estado do Rio de Janeiro, onde se originou. Contudo, a cidade de Belo Horizonte, por ser a terceira maior capital do país, rapidamente ganhou vários adeptos do ritmo que, atualmente, é amplamente difundido entre os jovens. Estes fatos explicam a escolha do lócus da pesquisa.

As duas primeiras entrevistadas foram escolhidas pelo critério de acessibilidade e, posteriormente, estas indicaram outras mulheres que se adaptavam ao perfil desejado, caracterizando a técnica da bola de neve. A tabela 1 contempla o perfil das “funkeiras” entrevistadas. Com a finalidade de manter os sujeitos de pesquisa no anonimato, optou-se por denominar as entrevistadas pela letra “E” acrescentando números pela ordem cronológica da realização das entrevistas, ou seja, E1, E2, ..., E8.

Tabela 1: Perfil das “funkeiras” entrevistadas

Entrevistada	Idade	Estado civil	Tem filhos	Formação	Profissão
E1	19	Solteira	0	Ensino médio em andamento	Menor Aprendiz

E2	15	Solteira	0	Ensino fundamental em andamento	Não Trabalha
E3	15	Solteira	0	Ensino médio em andamento	Técnica em Informática
E4	19	Solteira	1	Ensino médio completo	Cabelereira
E5	19	Solteira	0	Ensino superior em andamento	Recepcionista
E6	22	Solteira	0	Ensino médio em andamento	Enfermagem
E7	21	Solteira	0	Ensino superior em andamento	Auxiliar de mediação museológica
E8	27	Solteira	0	Pós-graduação em Administração	Administradora de Empresas

Fonte: Elaborada pelos autores

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica da análise de conteúdo, considerando a perspectiva de Olabuenaga e Ispizúa (1989). Para estes autores, esta técnica permite o pesquisador a interpretar os dados sob cinco pilares: a preparação das informações – que neste trabalho se remete a transcrição das entrevistas; a transformação dos dados em categorias – que foi a separação dos dados de acordo com a homogeneidade; a descrição dos dados de acordo com a categoria; e a interpretação dos dados descritos. A partir dos dados, a análise foi desenvolvida sob a categoria: na corda bamba do funk enquanto empoderamento feminino.

4 Na “corda bamba” do funk enquanto empoderamento feminino

Durante todas as entrevistas foi possível perceber nos discursos das “funkeiras” contradições e dúvidas quanto à contribuição do funk para o empoderamento feminino, o que resultou na expressão “corda bamba” utilizada nesta pesquisa. A “corda bamba” está associada na ideia de que enquanto “funkeiras”, vivem sob a perspectiva da marginalidade com holofotes do preconceito, em que ao mesmo tempo que atrapalha o processo do empoderamento feminino, dá força pra enfrentá-los e se empoderarem.

Primeiramente, esclarecendo o que é ser “funkeira” na percepção das entrevistadas, encontrou-se duas características: a primeira se refere à forma de vestir e falar, isto é, existe um “modo” de vestir e falar típico para as “funkeiras”. Há muitas gírias nos movimentos do funk que dão identidade à eles. Enquanto a

segunda é a liberdade de expressão, ou seja, ser “funkeira” é ter oportunidade de expor suas opiniões e suas reivindicações, bem como ser “livre” em uma sociedade machista.

Pode-se dizer que o funk se mostra, inicialmente, o momento em que as “funkeiras” quebram paradigmas que contemplam a relação de poder do masculino sobre o feminino. Com isso, encontraram no funk uma oportunidade de se expressarem livremente, seja no modo de vestir, falar, dançar e cantar. Porém, isso não acontece em todas as situações percebidas pelas funkeiras, uma vez que dois momentos diferentes marcaram a visão delas sobre o funk e o empoderamento feminino: no baile funk e fora do baile funk. Estes dois momentos de inconformidades são marcados pelas letras das músicas, pelo jeito das “funkeiras” de vestir, falar e andar, bem como pelos estereótipos construídos socialmente do que é ser “funkeira” na sociedade brasileira.

4.1 No baile funk e fora do baile funk: as letras das músicas, o jeito de vestir, falar e andar...

A maioria das entrevistadas enxergam que este estilo musical propicia sensações de conquista, liberdade e independência, indo ao encontro com a literatura sobre empoderamento. Entretanto, algumas se sentem incomodadas ao se declararem como “funkeiras”, em determinados ambientes, como no trabalho, o que para elas atrapalha o processo do empoderamento feminino:

[...] as pessoas no trabalho têm um pouco de preconceito quando a gente fala “ah, eu gosto de funk e tudo, porque sempre acha que a gente vai pra baile, acha que a gente é qualquer uma que só fica lá dançando, se esfregando em vinte e não é. A gente vai mais pra se expressar mesmo, pra desestressar e descontrair (E7).

Nesta fala percebe-se dois aspectos que corroboram com a literatura: o preconceito e a oportunidade de se expressarem. O preconceito está associado aos estereótipos que foram construídos socialmente em torno do movimento do funk, desde sua origem nos Estados Unidos, entre 1930 e 1940 até sua propagação no Brasil (VIANNA, 1988). Isto pode ser exemplificado pela utilização do termo

“esfregando”, que ao se declarar como “funkeira” a E7 corre o risco dos pré-julgamentos no ambiente de trabalho, isto é, que ser “funkeira” é ter comportamentos promíscuos (PEREIRA, 2016).

A percepção das entrevistadas E1, E2, E7 e E8 quanto ao preconceito nos ambientes fora do baile funk vai ao encontro com a concepção de Viana (2017) que as “funkeiras” enfrentam situações de preconceito, em festas ou mesmo andando pelas ruas da cidade, como se elas estivessem “disponíveis sexualmente”:

Eu acho que muita gente pensa que... “Ah, é funkeira, é mulher fácil”; “É mulher que não se dá o respeito”, porque eu acho erroneamente. Mas é só mais uma coisa que a sociedade tem preconceito, né?! Não tem... Milhares de outras coisas que a sociedade já tem preconceito, e preconceito ridículo” (E8).

Outra expressão utilizada pelas “funkeiras” é o olhar preconceituoso da sociedade quanto ao estereótipo que elas são “mulheres que não se dão o respeito”. Este estereótipo exemplifica o rotulo que elas carregam, indo contrário ao comportamento tido como padrão socialmente “aceitável”.

Além dos ambientes do trabalho, das festas e das ruas da cidade, a maioria das entrevistadas disseram já passar por situações de preconceitos dentro do âmbito familiar, enfrentando problemas decorrentes da preferência musical e da admissão em ser “funkeiras”. Os problemas enfrentados são baseados no discurso machista dos seus familiares em que o funk é um estilo musical vulgar, que desvaloriza e desrespeita as mulheres. Além do mais, os bailes funks são vistos pelos pais como ambientes que estimulam o uso de drogas, de armas e de prostituição. Somente a E8 disse não ter problemas na família por ser “funkeira”. Talvez, conforme a perspectiva de Marinho e Gonçalves (2016), pelo fato de ter uma melhor renda salarial em comparação as demais entrevistadas, a E8 possui uma maior autonomia financeira e ideológica que ajuda a superar os preconceitos. Melo e Lopes (2012) também acreditam que o empoderamento pode se caracterizar pela resistência da mulher no ambiente familiar, o que a autonomia financeira pode ser uma possibilidade de fortalecimento das mulheres se sentirem livres para traçarem suas escolhas, como o caso da “funkeira” E8.

As entrevistadas E2 e E4 complementam dizendo que já passaram por situações desagradáveis, principalmente por aquelas pessoas mais conservadoras e religiosas. Este relato vai ao encontro com as percepções de Amorim (2009), Bonfim (2013) e Viana (2013) em que esses grupos sociais têm uma visão mais preconceituosa contra os adeptos ao movimento do funk e que causa um choque de valores.

Quanto a oportunidade de se expressarem, dita anteriormente pela E7, foi algo também percebido por E6 e E8. Para estas “funkeiras”, as letras dos funks cantadas por mulheres, na maioria das vezes, transmitem mensagens libertadoras: “eu acho que é a liberdade. Liberdade de expressão, liberdade de mostrar para as pessoas que quem está na classe D também é gente, sabe?” (E8).

Para “funkeiras” E3, E5 e E7 a liberdade vem acompanhada da sensação de se sentirem mais femininas nos bailes funks, uma vez que podem se soltar, dançar, cantar e aproveitar com as amigas sem preocupação de serem julgadas. Além disso, o funk é visto como uma válvula de escape para os problemas enfrentados no cotidiano.

A sensação de liberdade das mulheres nos ambientes em que o funk se encontra foram levantadas para auxiliar a descrever e identificar fatores que possam explicar o engajamento feminino nesses ambientes e grupos sociais. Esta sensação é vista pela E4 como algo representado pelas letras das músicas e pelas novas cantoras como protagonistas do funk. Mas, que o ambiente do funk, o baile funk, ainda é visto como “perigoso” pelas próprias mulheres: “ah, eu me sinto mais com medo, porque tipo assim, todo baile funk, todo lugar que tem funk tem armas, drogas, você não está tão seguro” (E4).

Em contrapartida, a E2 e E8 acreditam que a sensação de liberdade nos ambientes do funk também está associada à sensação de confiança. O que para a E1, E3, E6 a confiança não depende exclusivamente de um estilo musical ou de certo grupo social, mas do momento, do lugar e das companhias.

Mesmo com as divergências encontradas quanto à questão da confiança, a sensação de liberdade foi citada por todas as entrevistadas como um sentimento que o funk proporciona a elas. Pois, o baile funk é um ambiente em que elas se sentem bem, em que aumenta a autoestima e que conseguem ser elas mesmas “se

soltarem”, dando a ideia do empoderamento. Afinal, para Melo (2011) a noção do empoderamento pode estar ligada à busca do bem-estar, da força interior e da autoestima.

Durante as entrevistas, foi possível relacionar o bem-estar, a autoestima e a oportunidade de “se soltarem” no ambiente do funk com a forma de se vestirem. É um ambiente em que este “padrão” passa a ser visto como incomum: “o normal é vestir um short curto, sandália da moda, croppeds bem curtos que exibem muito os seios da gente” (E3).

Dessa forma, o que Pereira (2016) abordou se mostra nos relatos, pois o funk pode ser uma forma de construção de identidade para alguns determinados grupos, já que há uma circulação de valores e crenças dos sujeitos que se identificam com o estilo despojado do funk.

Ainda sobre a forma de vestir, a E1 diz:

[...] as pessoas falam né?! o jeito que você se veste é o que você demonstra ser, mas não é. Tipo assim, a gente às vezes gosta de usar uma roupa curta, com um decote e tal... Então as pessoas pensam que a gente é piranha, mas não é, entendeu? É... Como é que eu vou explicar... A maioria das pessoas te vê como um objeto sexual. Só porque você gosta de uma roupa curta ou não.

Nesse aspecto Lee e Daly (1987) alegam que o homem desde a sua criação vem desempenhando o papel de dominador perante as mulheres, sendo dessa forma um comportamento natural. Portanto, os atos praticados pelos homens acabam por ser justificados pelas opiniões dos autores, abrindo mais espaços para o preconceito e abusos contra a figura feminina.

A entrevistada E7 chamou a atenção para a liberdade de expressão que o funk proporciona às mulheres das classes mais inferiores da sociedade. Na literatura percebe-se a influência da origem do funk nas periferias, mas sempre sob a perspectiva masculina. Por isso, a oportunidade das mulheres de classes inferiores, se expressarem no funk, pode ser visto como uma conquista de espaço, já que o funk é visto como um estilo musical democrático.

As entrevistadas dividiram suas opiniões quanto à democratização do funk. Se tratando das classes sociais, a E3 e E8 acreditam que o funk é um estilo

democrático que pode agradar ricos e pobres na sociedade: “não é só morador de favela que pode ser “funkeira”, é qualquer um”. A E1, E2 e E6 complementam dizendo que no ambiente do funk não tem distinção de rico e pobre, onde todas convivem juntas e podem ter o mesmo padrão social. Isto para Vianna (1988) é visto como a essência democrática do estilo musical, em que suas peculiaridades propagaram por todas as regiões, classes, etnias, credos, raças e condições financeiras.

Para E4, E5 e E7 há diferenças entre as classes sociais, principalmente quanto as vestimentas, o agir e o falar, como exposto pela E4:

Ah, eu acho que tipo as funkeiras de bairro mais pobre, elas usam mais roupa curta, decotadas. As da Savassi (região nobre da cidade) não. São aquelas que vamos dizer, são as meninhas que curtem funk, mas são mais por debaixo do pano né? Pra mãe e o pai não xingarem tanto.

Dessa forma, o funk apesar de ser considerado uma oportunidade das “funkeiras” se expressarem (independente da classe social, raça e idade), ainda é tido como um espaço predominantemente machista. A relação de poder do masculino sobre o feminino é perceptível pelas “funkeiras” nos bailes funks que, na maioria das vezes, é incentivada pelas letras das músicas cantadas pelos MC’s, como fala a E4: “tem cara que vai pro baile funk, que bebe e fica muito doido e se acham no direito de mexerem com as mulheres, passar a mão e tudo e tal”.

Sobre as letras dos funks, todas as entrevistadas disseram que as mulheres são apresentadas de forma vulgar e como objeto sexual para os homens. Amorin (2009) expõe o fato de que as músicas entoadas nos bailes funks são representadas por um “erotismo exacerbado”. Viana (2013) chama a atenção para a representação da mulher no movimento do funk, onde sua sexualidade é diretamente abordada pelos MC’s por letras esdrúxulas com apelos sexuais explícitos.

Com isso, precebe-se a questão sobre a dominação masculina descrita por autores como Goldberg (1973), Daly (1987) e Bourdieu (1998), que pode exemplificado por meio dos relatos:

Ah, hoje em dia... Eu não sei te explicar, mas é... Antigamente era mais sobre a ostentação, querer ter uma vida melhor. Igual, hoje em dia tem muito funkeiro que ainda cantam sobre isso, mas muitos não. Muitos falam que as mulheres hoje em dia ‘está’ muito fácil. As mulheres são muito fáceis. Então eu acho que isso que dá a entender no homem que pode expor a gente, tipo assim... É usar o nosso corpo como material. Porque muitas mulheres não sabem se dar o valor (E1).

Os MS’c transmitem falando que a mulher é um objeto usando... Os homens usando as mulheres de uma forma assim muito vulgar, falando que... Só quer a mulher pra “comer”, vamos dizer assim, só pra isso, mais nada (E2).

De acordo com Amorin (2009) e Viana (2017) o funk brasileiro, com o passar dos anos, assumiu uma característica que por muitas vezes apresenta a mulher de uma forma vulgar, desrespeitosa e agressiva, impondo por meio das letras e coreografias, a sexualidade masculina sobre a feminina.

Para as algumas das entrevistadas, o funk não é uma forma de demonstrar o poder da mulher quando se depara com as letras. As músicas cantadas pelos homens são, em grande parte, consideradas vulgares e desrespeitosas, que acabam colocando a mulher como objeto sexual.

Fazendo uma análise das percepções das “funkeiras” quanto às letras dos funks, pode-se dizer que as canções contribuem para a depreciação feminina na sociedade, uma vez que as mulheres são tratadas nas músicas com adjetivos pejorativos como “vadia”, “potranca” e “cachorra” (AMORIM, 2009): “na linguagem que eles falam (os MC’s), meio assim, muito agressivo o jeito que eles falam e difamam muito a mulher. Então eu não acho que valoriza a mulher falar aquilo dela” (E3). Sendo assim, pode-se inferir que as composições do funk que ainda são, em sua maioria, cantadas pelos homens, contribuem negativamente para o empoderamento feminino.

Portanto, nota-se que no movimento do funk há aspectos que ajudam as “funkeiras” a sentirem mais empoderadas como: a forma de se vestir, o prazer em dançar (de se soltar) e a sensação de liberdade. Enquanto isso, outros aspectos ajudam a depreciar a imagem das mulheres como as letras machistas, ainda predominantes nos bailes funks, fazendo com que as “funkeiras” não percebam o

funk como uma contribuição para o empoderamento feminino. Talvez, mesmo a maioria acreditando que o funk contribui para o empoderamento feminino, o que diferencia entre as percepções é o entendimento do que é o empoderamento.

5- Considerações finais

Por meio dos relatos obtidos nas entrevistas, observou-se que as “funkeiras” ficam na “corda bamba” quando o assunto é a contribuição do funk para o empoderamento feminino. O funk ao mesmo tempo em que é percebido como algo prejudicial à imagem da mulher, é visto como a oportunidade das mulheres reivindicarem o machismo e expressarem poder sobre o seu próprio corpo. Porém, as mulheres ainda são vistas como objetos sexuais dentro do próprio baile funk, ambiente que acaba reforçando a dominação do masculino sobre o feminino. A partir disso, fica claro que o funk é marcado pela relação de poder e pela simbolização que é atribuído ao corpo feminino como representação social de gênero, causando dúvidas sobre a contribuição do funk para o empoderamento feminino.

As letras das músicas cantadas pelos MC’s homens persistem em colocar as mulheres enquanto objeto sexual, sendo elas submissas aos desejos masculinos (reforçando a dominação masculina) e, por isso, dificultando a percepção das “funkeiras” sobre a contribuição do funk para o empoderamento feminino.

As roupas (short curto, top, saia curta, mini blusas, vestidos justos e curtos) são formas das “funkeiras” romperem paradigmas que envolvem o direito do seu corpo e a sensualidade feminina. Elas sentem-se bem em utilizar as roupas que mostram as curvas do seu corpo, e no ambiente do funk estas roupas são vistas por elas como “normais”. Porém, essas roupas curtas e justas são vistas pelos homens, no baile funk, como a disponibilidade das mulheres, isto é, a disponibilidade deles em “passar mão” no corpo delas. A forma de se vestir, falar, comportar e dançar são pretextos para os comentários machistas e preconceituosos da sociedade, rotulando-as por adjetivos esdrúxulos. Mas, apesar disso, a forma de se vestirem para irem ao baile funk fazem as “funkeiras” se sentirem livres e mais empoderadas. Neste aspecto, apesar de acreditarem que as roupas dão certa

liberdade é nesta mesma liberdade que faz os homens acharem que elas “estão disponíveis sexualmente”.

O baile funk é então o ambiente onde elas mais vivem a “corda bamba”, uma vez que as “funkeiras” ficam expostas ao comportamento machista, aos estereótipos negativos que permeiam o movimento do funk e, ao mesmo tempo, é onde se sentem mais “poderosas” para enfrentar estes comportamento e etereótipos que reforçam a relação de poder do masculino sobre o feminino. Não se pode deixar de mencionar o fato de que no ambiente do funk, a maioria dos MCs são homens, o que pode influenciar na disseminação de mensagens machistas por meio das letras e coreografias. Ressalta-se a importância das MCs mulheres para quebrar o desejo do masculino da dominação erotizada e, do feminino a subordinação erotizada.

Além disso, o funk é visto como uma válvula de escape, a partir da qual é possível se soltar, dançar, cantar e se divertir para amenizar os problemas cotidianos. É no baile funk que elas percebem a oportunidade da contribuição do funk para o empoderamento feminino, enquanto fora deste ambiente é mais raro a identificação desta contribuição. Afinal, é fora do baile funk que elas encontram resistências maiores em serem “funkeiras”, o que algumas não conseguem ser elas mesmas por “receio” dos olhares preconceituosos.

Por fim, apesar de reconhecerem que o funk pode trazer conotações negativas para as mulheres, o funk pode ser um propulsor do empoderamento feminino, mas ainda há muito a percorrer diante de uma sociedade machista em que a relação do poder do masculino sobre o feminino ainda está inraizada. A influência das MCs mulheres no movimento funk ajuda o empoderamento feminino, promovendo a liberdade de expressão e a resistência ao preconceito.

Portanto, esta pesquisa contribui para um olhar reflexivo sobre a relação de poder do masculino e feminino, na qual ainda há um longo caminho a ser percorrido, uma vez que os dados reforçam a dominação masculina. Além disso, o funk, por ser um ritmo que tem se propagado cada vez mais rápido, principalmente entre as mulheres jovens, este artigo pode ajudar no processo do empoderamento feminino. Levando em consideração a “corda bamba” mostra a necessidade de mais estudos que abordam a temática como forma de contribuir para as discussões de

gênero; e a importância da participação da mulher como resistência à dominação masculina.

Referências

AMORIM, M. F. O discurso da e sobre a mulher no funk brasileiro de cunho erótico: uma proposta de análise do universo sexual feminino. 2009. 188f. *Tese* (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos e Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f92ecde41697c0b9722ca2be79803c8d.

BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. In *Population Policies Reconsidered: Health, Empowerment, and Rights*, G Sen, A Germain, LC Chen (eds). Harvard Center for Population and Development Studies: Boston, 1994.

BONFIM, L. L. Corpo e poder no funk carioca. *Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Universidade Federal de Santa Catarina, p.p 1-10, 2013.

BOURDIEU, P. *La Domination Masculine*. Paris: Seuil. 1998.

BRILHANTE, A. V. M.; GIAXA, R. R. B; BRANCO, J. G. O. B.; VIEIRA, L. J. E. S. Rape culture and ostentations violence: na analysis from the artifactuality of funk. *Interface* (Botucatu), v. 23, n. 21, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/interface.170621>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-32832019000100204&lng=en&nrm=isso.

CORNWALL, A. Women's Empowerment: What Works? *Journal of International Development*, v. 28, p. 342– 359, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/jid.3210>.

COUTINHO, R. Elevação do funk carioca a “patrimônio cultural”: cotidiano e embates sociais e políticos em torno da Lei 5543/2009. *Rev. Antíteses*, v. 8, n. 15, p. 520 - 541, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/20203>.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1995.

GOLDBERG, S. *Inevitability of Patriarchy*. 1.ed. William Morrow & Company, 1973.

HERSCHMANN, M. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2005.

LEE, R. B.; DALY, R. H. Man's Domination and Women's Oppression: The Question of Origins. In: *Beyond patriarchy: Essays by men on pleasure power and change*. Oxford University Press, 30-44 p., 1987.

LISBOA, T. K. *O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais*. Fazendo gênero 8 – Corpo, Violência e Poder. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

LOURO, G.C. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. *Revista Estudos Sociais*. n. 56 abril-junho pp. 80-90. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.7440/res56.2016.06>. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0123-885X2016000200007.

MELO, M. C O. L. Mulheres gerentes entre o empoderamento e o teto de vidro. In: FREITAS, M.E.F; DANTAS, M. (Org.). *Diversidade Sexual e Trabalho*. 1ed.São Paulo: CNL – CENGAGE/NACIONAL, v. 1, p. 1-384, 2011.

MELO, M. C. O. L.; LOPES, A. L. M. Empoderamento de mulheres gerentes: a construção de um modelo teórico de análise. *Gestão & Planejamento*, v. 12, p. 648-667, 2012. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/view/2346>.

MINAYO, M. C. S. (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, R. “Now That I’m a Whore, Nobody Is Holding Me Back!”: Women in Favela Funk and Embodied Politics, *Women's Studies in Communication*, 40:2, 172-189, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/07491409.2017.1295121>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07491409.2017.1295121?journalCode=uwsc20>.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. *La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa*. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

PEREIRA, T. P. C. Identidade, Gênero e Empoderamento Feminino: a (des) construção do feminino nas letras de funk. In: *VI Colóquio e Intituto de Associação Latino-Americana de estudos do discurso - ALED - Brasil*. São Carlos, 2016.

RANGEL, P. L. N. O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na baixada fluminense. *Periferia, Educação, Cultura e Comunicação*, v. 5, n. 2, 2013. DOI: 10.12957/periferia.2013.15370. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/15370>.

RANGEL, P. L. N.; COELHO, P. F.; TEIXEIRA, V. R. A questão de gênero no movimento funk: empoderamento feminino. *Anais... XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, v. XXI, n. 3, 2017.

RÊGO, T. M. S. Funk carioca, relações de trabalho e de gênero: reflexões sobre o filme “Sou feia, mas tô na moda”. *Anais... do V Simpom*, p.452-461, 2018.

ROWLANDS, J. *Questioning Empowerment: Working with Women in Honduras*. Oxfam Publishing: Oxford, 1997.

SCOTT, J. Gênero: categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99. 1991. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.

TROTTA, F. C. O. Funk no Brasil contemporâneo: Uma música que incomoda. *Latin American Research Review*, Vol. 51, No. 4, 2016. Disponível em: https://lasa.international.pitt.edu/auth/pub/Larr/CurrentIssue/51-4_86-101_Trotta.pdf.

VIANA, I. P. Território Funk e feminilidades: subjetividades construídas entre relações de poder, a rua e a violência. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, v. 3, n. 3, p. 118-135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/525/357>.

VIANA, I. F. Mulheres Negras e Baile Funk: sexualidade, violência e prazer. *Dissertação* (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

VIANNA, H. *O mundo do funk carioca*. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora Ltda., 1988. 115 p.

VINCENT, R. *Funk*. *Encyclopédia Britannica*, Inc. 2019. Disponível em <https://academic.eb.com/?target=%2Flevels%2Fcollegiate%2Farticle%2F965032019>. Acessado em 16/09/19.

Recebido em janeiro de 2021.
Aprovado em julho de 2022.